



# SANGUE TIGANO

JOSSI BORGES

Amor & Livres

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



© 2011 de Jossi Borges. Todos os direitos reservados à autora.

**Título original em português:** Sangue Cigano.

**Revisão e diagramação:** Amor & Livros Digital

**Capa:** Jossi Borges/ Justtech Informática

Sangue Cigano – Curitiba – 2011.

Jossi Borges.

1. Romance 2. Ficção. 3. Romance brasileiro

[www.amorelivros.justtech.com.br](http://www.amorelivros.justtech.com.br)

[www.romance-sobrenatural.blogspot.com](http://www.romance-sobrenatural.blogspot.com)

[www.romanzine.blogspot.com](http://www.romanzine.blogspot.com)

# Sangue Cigano

*Iris é casada com um cigano, embora ela não mesma não seja cigana. Vivem um casamento feliz, até que uma sombra se interpõem entre eles... Uma criatura milenar, uma ameaça tão maligna e poderosa, que nem a matriarca do clã, Avó Bianca, com sua magia, consegue superar.*

*Klaus ama ternamente sua esposa gadjé, apesar de enfrentar a oposição dos demais ciganos por ela não ter sangue cigano. Entretanto, de uma hora para outra, o amor de ambos começa a esfriar, quando fatos estranhos passam a interferir na vida deles... Klaus se desespera, mas sabe que um ser maligno é a causa de tudo isso. Porém, ele terá forças para superar aquela provação e dar um voto de confiança à sua mulher?*

# Índice

[PARTE UM](#)  
[PARTE DOIS](#)  
[PARTE TRÊS](#)  
[FINAL](#)

# PARTE UM

KLAUS ESTAVA sentado à beira do catre, e sua mão tremia um pouco. Já havia colocado a bebê para dormir, no pequeno berço que ele mesmo fizera, um primoroso trabalho de carpintaria. Depois de pronto, ele também o pintara de cor-de-rosa e branco, segundo o pedido de Iris, sua esposa.

Ele estava um pouco incerto sobre o que fazer... Ele passara o dia todo cuidando das coisas no acampamento, e saíra apenas duas ou três horas, para ir ao centro da cidade e comprar alimento. Quando retornara, Iris não estava mais lá. Deixara recado com a Avó Bianca, tia-avó de Klaus, e uma das mais respeitáveis anciãs da família. O recado era para que “ele cuidasse da bebê, arrumasse as coisas e se, possível, preparasse o almoço, pois ela ia se demorar”.

Pelo que Klaus entendera, Iris estava interessada em deixar a vida nômade de lado, e comprar uma propriedade ali mesmo, na cidade onde estavam, Curitiba. Comprar um lote, construir uma casa, lançar raízes... E também ela andava procurando terrenos, casas, para comprar e vender... Dizia a ele que o melhor negócio, na atual situação econômica do país, era o investimento em imóveis. Mas ele, Klaus, não conseguia concordar com tais ideias.

Ele era um Rom, do clã de mesmo nome. Antigamente, seus ancestrais eram Banjaras, ciganos que percorriam o mundo levando música e dança para entretenimento dos *gadjés*<sup>[1]</sup>, e ele orgulhava-se de possuir o dom do canto. Casara-se com Iris, porque ela sempre fora uma excelente dançarina, além de outros atributos comuns à grande maioria das mulheres ciganas.

Ele se encantara com a beleza delicada e pouco convencional de Iris, sua tez clara e macia, sua gentileza, generosidade e também, porque ela demonstrava um enorme fascínio pela cultura dele. E com o tempo, demonstrou que o amava loucamente...

Mas isso, ele pensou, foi no começo. Ultimamente, Iris não mostrava nos atos o que dizia com palavras.

Klaus sentia a tensão retorcer-lhe as entranhas, como um monstro faminto prestes a rasgá-las, devorando-o por dentro. Suas mãos se fecharam com força e ele reagiu à tensão dando um suspiro longo e profundo.

Ele sabia que ter-se casado com uma *gadjé* tinha sido a causa, e mesmo assim ele não queria se permitir lamentações. O que fizera, fizera com boas intenções e bons sentimentos, não era isso o que importava? Ele não era portador da *visão* – que as mulheres do seu clã possuíam e grande maioria das demais mulheres ciganas também. Ele não poderia ter *visto* o futuro ou pelo menos, pressentido. E mesmo que o tivesse feito, teria ele desistido *dela*?

Mesmo hoje, agora, sentindo a dor lancinante da ausência de Iris e a onda mais forte ainda de fraqueza e estupor pelas dúvidas que tinha... Mesmo hoje, agora, ele sabia que não teria desistido – que não iria desistir – dela. Contra toda a sensatez e orgulho pelo que ele era, contra as próprias convicções, ele sabia que não poderia afogar-se no desespero.

Não até que, ao menos descobrisse o que estava acontecendo.

Niyati<sup>[2]</sup>, sua filhinha, choramingou no berço e ele a tomou nos braços, embalando-a. Diante dele havia um espelho retangular e simples, encostado a uma das mesas, o espelho que Iris gostava de usar para se vestir. E agora, envolto pela semi-obscuridade da barraca, ele se viu no reflexo. Mal pôde reconhecer –se nele, um homem alto e forte, no vigor dos seus 37 anos, porém com ombros caídos e um olhar desolado, segurando um bebê no colo. Seria isso, agora? Ele pensou, os olhos dourados ainda presos no espelho. Uma sombra de homem, quase reduzido a uma “criada doméstica”, sem outra

alternativa exceto ficar ali, limpar, arrumar a casa, cuidar da filha e esperar... Por quê? Por ela?

Ele empertigou-se, dizendo a si mesmo que estava ali porque queria. E que, como suas vendas estavam ruins, estava dando um tempo a si mesmo, enquanto Iris tomava a frente dos negócios deles, e que não podia haver nenhum mal nisso. Sim, era isso mesmo, ele meneou a cabeça, enquanto colocava Niyati na cama e a trocava. Depois, deu-lhe a mamadeira – que Iris tinha deixado pronta e só precisava ser aquecida. Niyati acalmou-se e dormiu de novo.

Klaus respirou fundo e olhou para fora, para o pátio do acampamento, onde o sol lançava suas últimas rajadas de dardos incandescentes.

Saiu e olhou em torno. O acampamento continuava com a azáfama de sempre, os homens trabalhando com objetos artesanais, alguns batendo com o martelo, outros serrando, pintando, carregando materiais diversos. As mulheres indo e vindo com seus vistosos vestidos coloridos, envoltas pela habitual alegria cigana, conversando entre si ou cuidando de abastecer o acampamento, com baldes d'água e sacos de alimento.

Uma delas – uma mulher esguia e morena como ele, usando os cabelos presos nas laterais por fivelas douradas – parou diante dele.

— Klaus? Você tá bem, irmão?

— Sim, Marina. Apenas um pouco entediado. Quem dera já estivéssemos de partida outra vez.

A irmã olhou-o com uma curiosidade inegável e inclinou um pouco a cabeça, observando-o com cautela.

— Já gostaria de partir, de novo? Mal chegamos... Ah, vá, diga o que você tem, homem. Sei por suas vibrações que não está sossegado...

— Se ocupe de tua vida, irmã – ele tornou, com acidez.

— Ah, já sei. Foi ela, não foi? Tua mulher estranha. Ela saiu de novo.

Klaus afastou-se da irmã com um gesto irritado, abanando as mãos, como se afastasse um inseto.

— Klaus – Marina ainda disse, antes que ele desaparecesse de sua vista – a Avó Bianca quer falar com você.

Ele parou um instante e respondeu sem voltar-se:

— Sei. Vou vê-la.

A barraca da Avó Bianca ficava do lado oposto da sua.

Ele já tinha antes pensado em visitar a tia, uma das mais velhas do clã e a mais respeitada. Além de ser sua parenta, ela era avó biológica da maioria deles, mas chamada de “Avó” por todos.

Ele entrou com cautela na barraca, onde de imediato sentiu um odor de rosas – as preferidas dela – e encontrou a velha cigana sentada, à mesa.

— Klaus – ela disse, os olhos escuros e miúdos presos nos dele – Venha abraçar esse esqueleto velho e depois sente aqui.

Ele obedeceu, um pouco relutante. Em seguida olhou para a mesa, coberta por uma alvíssima toalha de linho e onde ela comumente punha suas cartas. Hoje, havia apenas duas xícaras e um pequeno bule esmaltado, com chá.

Ele se aproximou e inclinou a cabeça diante da velha senhora:

— Sua bênção, Avó – disse.

Avó Bianca pousou a mão sobre a cabeça dele, pronunciando algumas palavras em voz baixa. Depois, em voz audível:

— Tome um chá comigo.

Klaus puxou uma cadeira, meio relutante. Porém sabia que era uma questão de cortesia aceitar o convite da anciã e uma grosseria negar-se a isso, ainda mais que ele tinha sido convidado por ela. Sabia-se que, quando Avó Bianca convidava alguém ou pedia que alguém fosse vê-la, era porque tinha algum comunicado importante a fazer, um bom conselho a dar, uma advertência séria a fazer. E o respeito, e o

temor que ela inspirava eram sempre grandes demais para que alguém ousasse ignorá-la.

Klaus olhou em silêncio para sua xícara, enquanto a Avó segurava com sua mão magra, porém firme, o bule e despejava o líquido aromático.

— Vai, toma – ela disse, com um gesto em direção à xícara. – São ervas boas para acalmar nosso espírito, e o teu precisa ser acalmado, eu sei. Você está mais elétrico do que um céu riscado por relâmpagos antes da tempestade. E sem razão, o que é pior, não há motivos para toda essa angústia.

— Não há motivos? Como assim? A senhora sabe por que estou...

Avó Bianca elevou a mão direita, num gesto de autoridade, e ele calou-se.

— Você sabe que eu sei muitas coisas.

Ele não respondeu e limitou-se a tomar um gole do chá fumegante. O sabor acentuado de capim-limão trouxe-lhe uma sensação agradável ao corpo. A Avó sabia das coisas, ele pensou. Todos acabavam fazendo o que ela aconselhava, pois seu antigo sangue de origem egípcia trazia em si todos os grandes mistérios da magia e da percepção além dos sentidos físicos. O dom oracular e mágica da Avó era quase palpável, uma aura brilhante e pulsante em torno da cabeça encanecida.

— Avó – ele disse, mais calmo e aquecido suavemente pelas ervas mágicas do chá. – Você sabe que Íris anda ausente demais e não posso aceitar isso... e também não posso entender. Que raios de negócio é esse em que ela tá metida? Por que ela está sempre vindo com respostas evasivas e nunca quis que eu fosse com ela, para ver o tal “terreno” com meus próprios olhos? Você acha que isso não é suficiente para deixar qualquer homem elétrico, como você diz?

— Claro que é, Klaus – ela disse, sem alterar a expressão. – Mas você vai acabar entendendo o que quero dizer.

— Não sei se vou entender... Não posso mais tolerar essa situação, isso é... absurdo! Um homem tem sua honra, não pode ficar à mercê dos caprichos de uma mulher, apenas porque não está com sorte no seu negócio!

Ele sentia a raiva crescer-lhe no peito, como uma onda quente e sufocante. A anciã não moveu um só músculo da face vincada, mas meneou a cabeça.

— Iris não está no caminho do erro, creia nisso.

— Não está? Mas e por que ela fica tanto tempo longe de sua família? Ela está voltando para casa cada vez mais tarde... na sexta-feira, ela disse que viria antes do almoço. Chegou às três da tarde, com mil desculpas, alegando que o trânsito estava caótico, o corretor demorou para atendê-la e coisas assim. Ontem chegou às cinco, e hoje...

Ele olhou para o relógio, que marcava dezoito e trinta.

— Iris não é o que você está imaginando.

— Então me diga, Avó: O que há com ela? *Quem é ela?*

Avó Bianca tomou seu chá com calma e depositou a xícara no pires.

— Ela tem uma missão na vida, uma missão perigosa e da qual ela não pode fugir.

— Missão? Mas todos nós temos.

— Não como a dela.

— Mas eu não posso entender. Que missão?

— Uma missão muito perigosa. Uma coisa que só ela, e não eu, você ou qualquer outra pessoa no mundo poderá realizar. Só ela, entende? Ela está ciente disso, e graças aos meus conselhos, está disposta a superar todo e qualquer obstáculo para realizá-la. Uma missão que põe tudo em risco, inclusive o marido e a filha dela.

— Não entendo, Avó. Não entendo. Essa tal missão... Você a incumbiu disso? Para onde ela vai? Do que se trata? Sei que, dependendo do que seja, eu não posso interferir, mas ao menos devo saber quais pedras existem no caminho dela. Acho que, como marido, eu tenho o direito de saber!

A anciã meneou a cabeça lentamente. O aroma agradável de menta elevava-se das xícaras de chá,

tornando o ar fresco e fazendo com que Klaus se sentisse mais à vontade e dono de si, apesar da irritação que ainda sentia.

— Ainda não – ela disse, erguendo o dedo indicador – Eu não sei muito... Ela não me revelou tudo, talvez por medo, talvez por insegurança de que eu a considerasse louca. Mas o que a visão me revelou é o bastante.

Klaus calou-se um instante. A Avó jamais errara em seus prognósticos, em seus conselhos ou modo de agir. Mas ela estava cada vez mais velha, também era um ser humano, passível de enganos e erros ou de ficar doente. E ele sabia de muitos anciões que haviam ficado senis, tão senis e fora de si, que algumas vezes esqueciam-se dos próprios nomes.

A Avó Bianca tomou outro gole do chá e semicerrou os olhos, como que em transe.

Klaus não sabia o que pensar. Talvez a Avó soubesse do mistério que envolvia sua esposa; talvez... E ele estremeceu a esse pensamento: *ela estivesse começando a ficar senil.*

— Avó, eu não posso aceitar tais atitudes de Iris. E também não sei se acredito no que a senhora disse. Não creio que exista algo nesse mundo que Iris não possa compartilhar comigo. Somos um só sangue. Somos marido e mulher. Somos almas que se reencontraram. Se um mistério está nos separando, quero desvendá-lo!

Ele levantou-se e a Avó fitou nele os olhos brilhantes. Uma espécie de clarão de medo iluminou-os por um instante:

— Não! – Ela disse, asperamente. – Você me decepciona, Klaus. Não acredita mais na nossa visão. Não aceita mais os conselhos de sua Avó. Pois bem.

Ela levantou-se de sua cadeira e apontou a abertura da barraca, com mão trêmula.

— Eu continuarei a invocar bênçãos de proteção sobre você, mas nesse instante só quero que saia daqui. Se o Mal cruzar o seu caminho depois, lembre-se de que eu fiz o que pude.

— O Mal? – Ele repetiu.

Um leve pressentimento ruim insinuou-se em sua mente.

— O Mal. O Mal pode estar mais próximo de nós que você imagina.

— Que Mal? – Ele insistiu, ignorando o gesto de hostilidade da anciã.

— O Maligno. O Ser Maligno. Um ser demoníaco. Não me obrigue a falar mais dele, isso poderia atraí-lo mais rápido que se recebesse um convite por telefone. Vá para sua casa, Klaus. Quando Iris voltar, seja gentil e dê carinho a ela. Não a repreenda, pois ela poderia desistir de tudo e se isso acontecer...

# PARTE DOIS

IRIS ESTAVA ligeiramente nervosa, mas respirou fundo e estacionou o carro diante da casa. Suas mãos tremiam de leve, mas ela respirou de novo, fechou os olhos e concentrou-se, invocando sua aura azul de proteção. Afinal, abriu os olhos de novo e voltou-se, abrindo a porta e saindo para a frescura da noite, que descia lentamente.

Olhou para o casarão à sua frente. Ficava num bairro das cercanias de Curitiba, um terreno grande e rodeado por diversas árvores copadas, como cedros, pinus e ipês.

Ela caminhou até o portão e interfonou. Ouviu a voz conhecida do homem, que em seguida abriu o portão, deixando-a entrar na propriedade.

Iris olhou em torno, a umidade dos bosques trazendo-lhe, junto com o vento de outono, um odor fresco de folhas e perfumes. Ela sentiu um arrepio leve percorrer-lhe o corpo, ao associar aquele odor ao cheiro do homem, lá dentro da casa. Já o sentira nele, embora não soubesse como. Ele parecia ter brotado dali, daquele lugar meio escondido da civilização, daquelas árvores pujantes, das flores tardias que juncavam o solo, da terra úmida.

Ela tentou manter-se calma e centrada. E chegou à porta do casarão.

A arquitetura era simples – um chalé grande de madeira e alvenaria, com janelões em arco obscurecidos por pesadas cortinhas ou blecautes, uma água furtada igualmente cerrada e escura, e uma grande e maciça porta, de madeira entalhada.

Ela ergueu a mão, mas antes que seus dedos tocassem a campainha, a porta se abriu e o rosto dele surgiu, pálido como sempre.

Ela estremeceu e instintivamente apertou o pequeno objeto que trazia no bolso da jaqueta e tentou sorrir.

Ele pareceu-lhe a serenidade em pessoa, ao devolver-lhe o sorriso, com seus dentes brancos e perfeitos.

— Boa noite, Sr. Meilyr – ela disse.

—Boa noite, Iris. Permite-me que a chame assim?

Ela assentiu com um sorriso tímido e entrou no hall, de onde foi conduzida para a grande sala. Esta era parcamente iluminada pelo lustre de bronze.

Antonio Meilyr era o proprietário do casarão, pelo qual ela se mostrara interessada dias antes.

Há tempos procurara uma desculpa para dar ao marido Klaus, que justificasse suas freqüentes ausências de casa, do acampamento. Então lhe ocorrera aquela, a de que deviam adquirir imóveis bons, a preços razoáveis, para neles investir seu dinheiro, já que o ouro ou aplicações financeiras estavam deixando muito a desejar. Mesmo para eles que eram um povo nômade e pouco valor davam a uma casa ou residência fixa, ela dissera, os imóveis valiam mais, pois eram duráveis. Não, ela dissera a Klaus, não precisavam necessariamente habitar numa casa, mas apenas adquiri-la. E com a recente supervalorização dos imóveis e dos aluguéis, eles só tinham a lucrar, se os comprasse e depois alugassem.

A Avó lhe dera seu consentimento e assim, mesmo cheio de objeções, Klaus não pudera dizer “não”.

Assim ela encontrara em seu “trabalho” um meio de fazer... o que queria. Ou melhor: O que *devia*.

E agora ali estava diante dele, o objeto de suas “buscas”, sorrindo-lhe amavelmente e deixando-a atordoada com seu cheiro de almíscar e flores úmidas de chuva.

— Eu sabia que você não iria demorar. Eu sabia – ele disse, com uma voz baixa e aveludada.

Iris prendeu a respiração, não querendo sentir mais o aroma bom que vinha dele, não querendo mais sentir a fascinação que ele emanava. Seu corpo estremeceu de novo, sua boca secou. Não queria sentir o

rubor que lhe invadiu as faces, pois aquilo denunciara seus pensamentos e sentimentos. E ela sabia que tudo aquilo não podia ser real. Ela não podia sentir-se atraída por aquele homem. Não podia!

— Sr. Meylir...

— Antonio. Chame-me apenas Antonio.

— Antonio – ela corrigiu-se, lançando um longo olhar ao redor.

Sentiu as pernas levemente amolecidas, mas forçou-se a dar alguns passos à frente, fingindo interesse pela casa.

— Então, essa é a casa? É tão... – quis dizer “escura e vazia”, mas apenas balbuciou: - espaçosa...

Antonio continuou sorrindo. Ela não podia negar o quanto ele *parecia* lindo. Ela sabia que aquilo só podia ser uma falsa impressão, causada por algum tipo de influência hipnótica que ele deveria estar exercendo sobre ela, e aquilo a punha ainda mais nervosa. Não podia. Não tinha o direito de se deixar influenciar por aquela criatura. Não ela, Iris.

— É essa uma das casas que tenho na cidade – ele disse, sorrindo sempre. – Como vê, nem mobiliada decentemente está, mas talvez nem precise, não é?

Ela deu mais alguns passos pelo salão, observando nas paredes altas alguns óleos bonitos, de artistas sulinos, a julgar pelas paisagens típicas, com muito verde, riachos ensombrados por araucárias e casas rústicas e coloridas. Flutuando entre os quadros, as teias de aranha formavam linhas oscilantes e móveis.

O chão também estava praticamente nu, com apenas um grande tapete persa, não muito limpo.

— Você... não mora aqui – ela deduziu, pelo aspecto malcuidado do ambiente.

— Aqui? Ah, sim, moro. Às vezes.

— Às vezes?

— Quando não estou viajando, uso este lugar.

— Mas... – ela olhou ao redor, apesar de saber porquê ele não se preocupava com o aspecto ou a limpeza.

— Não está nem um pouco agradável isso aqui, não é? – Ele disse, com o mesmo sorriso afável e despreocupado. – É que quase não paro em casa, entende. Mesmo quando estou na cidade. Não precisa se assustar, Iris, eu fico lá em cima, no quarto. E lá é bem melhor, mais limpo, enfim. Gostaria de dar uma olhada?

Ele perguntou, como se flertasse descaradamente com ela. Aquele convite soou cheio de segundas intenções, e por um instante ela ficou tentada. Então segurou novamente o seu pequeno amuleto entre os dedos, dentro do bolso e imediatamente sentiu que a nuvem de tentação e fascínio dissipou-se, aos poucos.

Meneou a cabeça: Não. Ela já estava pressentindo algo nele, no ambiente, nas vibrações. Já tinha certeza sobre ele, sobre quem e sobre *o quê* ele era. Não havia mais nada a fazer ali, ela disse a si mesma.

— Iris – ele disse com voz melíflua, dando um passo em direção a ela.

Tocou-lhe o braço. Ela sentiu de novo o aroma de almíscar, mas tornou a apertar com força o amuleto de ouro bento que a Avó Bianca tinha lhe dado.

— Eu sei por que você está aqui – ele dizia, com os olhos grandes e esverdeados presos nos seus. – *Você me quer* também, eu sei. A compra do imóvel é mero pretexto, não é?

Ela retrocedeu. Não podia mais ficar ali, mas também não podia deixá-lo perceber que sabia sobre ele. Que sabia quase tudo. Quase.

— Desculpe, Antonio, mas eu tenho que ir embora. Meu marido deve estar impaciente com a minha demora.

Antes que ela movesse um único músculo do corpo, ele já havia se aproximado novamente, colando-se a ela, empurrando-a contra a parede. Ela lutou um pouco, de início, sentindo a sanidade e a força interior se esvaír diante daquele homem perigoso, ante sua beleza máscula e poderosa. Mal conseguia respirar, tal era a doçura do aroma de almíscar que ele emanava, e gemeu baixinho quando ele aproximou os

lábios dos seus. Ela detestou aquilo, porém a um tempo ansiou pela boca dele. *Não, ela pensou, tentando repelir aquele impulso absurdo, isso aqui é apenas fascínio, feitiço, ilusão. Ele não é belo. Ele não tem cheiro de almíscar. Ele é um...*

E então, o rosto de Klaus surgiu em sua mente, com uma nitidez surpreendente, o olhar tenso e magoado. O choque a desarmou e foi como um balde d'água fria.

Ela agradeceu aos céus, e empurrou Antonio para longe de si.

Apressou-se até a porta, abriu-a de chofre e respirou aliviada o ar fresco da noite, que inundou-lhe as faces febris.

— Amanhã nos falamos, então? – Posso esperá-la na imobiliária? – ele perguntou, sem alterar o som hipnótico e gentil da voz potente.

Ela já tinha percorrido a largas passadas o trecho de calçamento que levava até o portão e voltou-se, acenando positivamente. Sorriu, apesar do medo que lhe apertava o peito, abriu o portão e afastou-se rápido para o carro.

Não viu quando Antonio Meilyr abriu um novo sorriso, desta vez com suas duas presas longas e afiadas cintilando como duas minúsculas adagas sob seus lábios carmesins.

— Está bem, minha linda ciganinha postiça. Eu terei paciência. Mesmo que eu prefira o verdadeiro *sangue cigano*, o seu me satisfará plenamente. Até que eu chegue aos outros.

Antonio voltou-se e entrou de novo no casarão.

\*\*\*

Iris chegou ao acampamento por volta das oito e meia da noite.

Encontrou Klaus embalando o bebê e correu para os dois, depositando um beijo na cabecinha escura da criança e depois, se voltando para o rosto sério do marido.

— Klaus, meu amor. – Ela disse, tocando-o no rosto.

Ele virou o rosto e deu um passo para trás.

— Parece que seu “trabalho” não está lhe deixando mais nenhum tempo para a família, heim, Iris? – Ele disse, ácido e com os olhos de pantera fuzilantes.

— Klaus, eu tenho minhas razões. Por favor. Por favor! Não brigue comigo de novo, eu imploro.

Ela pediu, com os olhos tristes. Mas ele estava fervendo de raiva. Seu orgulho, seu amor e seus brios estavam feridos demais. Ele não mais via amor nela, não mais via beleza nos olhos suplicantes, não mais tinha desejo algum de tocar a pele clara e macia da esposa. Tudo estava ficando fora do seu controle, ele sabia. As coisas estavam indo de mal a pior, e nada do que ele ou ela dissessem, ou que Avó Bianca dissesse, mudaria qualquer coisa, alteraria seus destinos. Ele sentia que estava tudo a ponto de perder-se para sempre. E que naquele instante, se não medisse suas palavras, Iris estaria fora de sua vida, de maneira irreversível.

Mas, ele pensou, não seria melhor? Não seria melhor que tudo se acabasse de uma vez?

— Iris, por mais que fale, que suplique, contra fatos não há argumentos! Você tem negligenciado a mim e à sua filha e faz tempo. E por quê? Por quê? Você tem alguma explicação plausível? Ou vai voltar à ladainha de sempre: “estive tratando de negócios”? Vai para o inferno, gadjgé! Você ultrapassou todos os limites que um homem pode tolerar!

Ele parecia cuspir as palavras, misturando-as ao veneno que parecia gotejar de seu coração. Iris não tinha argumentos e o pior – nem os fatos – para desculpar sua negligência.

Só a Avó Bianca, talvez, pudesse ficar ao seu lado.

— Você falou com a Avó? – Ela perguntou, trêmula e assustada.

Klaus deu de ombros, lançando-lhe um olhar magoado.

— Falei. E daí? Avó Bianca está muito velha. Não pode estar sempre com a razão e a lucidez ao seu

lado.

Ela meneou a cabeça, insistindo.

— Klaus, eu não posso tentar te explicar o porquê das minhas ausências, mas te juro que...

Ela parou, tentando não falar demais. Klaus repuxou os lábios, tomando a hesitação dela como prova de sua culpa. Deu de ombros e puxou de um grande baú, a um dos cantos, uma velha e enferrujada cama de campanha e alguns cobertores.

— Certo, certo – ele disse com uma máscara de indiferença. – Aqui está, Iris. Você passa a dormir aqui, de hoje em diante.

— Como?

Ela deixou caírem os braços ao longo do corpo, desanimada e com um início de desespero amargo, doloroso e negro a se formar em sua garganta, embolando-lhe as palavras e toldando-lhe a vista.

— Você está me repudiando, Klaus? Quer me deixar? Ou melhor, quer que eu o deixe?

— Não! – ele deu um grito dessa vez. – O rosto impassível contorceu-se de angústia e raiva. – Ainda não! Pelo que Avó Bianca me disse e me pediu. Mas não sei por quanto tempo vou tolerar esse seu jeito e suas traições!

— Eu não estou traindo você, Klaus! Ao contrário, tudo o que faço é pelo seu, pelo nosso bem, pelo bem de Niyati – e talvez – de todo o nosso clã.

— Então me conte, Iris. – Ele cruzou os braços, ainda tenso, mas com um leve brilho de curiosidade nos olhos de tigre. – O quê você faz? Vamos, me diga logo!

Ela fechou os olhos. E a voz de Avó Bianca soou-lhe aos ouvidos: “Se você revelar a natureza da sua missão, ele lerá em sua mente tudo o que ele precisa saber. Todo o roteiro que você faz, todo o seu trajeto até o acampamento... Ele vai ler, mais nas suas emoções do que propriamente no livro das suas memórias cerebrais, quem você é, quem é sua família e seu clã... E saberá a quem você pertence. E virá atrás de nós, e nos atacará, como um lobo ataca um rebanho de ovelhas sem pastor, ao cair da noite.”

Ela meneou a cabeça para Klaus e lançando mais um olhar triste à pequenina Niyati, dormindo no berço, ela deixou a barraca.

# PARTE TRÊS

KLAUS FICOU SABENDO, na manhã seguinte, que Iris passara a noite na barraca da Avó. Estava ainda irritado, mas uma dor pungente feria-lhe o peito, como uma adaga invisível. Depois de pedir a ajuda de sua irmã Marema com a bebê, ele saiu para mais um dia de labuta no acampamento.

Apesar dos olhares curiosos dos companheiros e de algumas perguntas capciosas, suas respostas e informações sobre Iris foram as mais resumidas e evasivas possíveis.

— Não sei por que ela dormiu com a Avó.

— Vocês brigaram?

— Sim, mas nada de sério. Ela é apenas sensível demais.

— Essas mulheres gadjés!

— Elas são todas iguais...

— No começo é mais encantamento, pra elas é novidade, tudo é lindo, maravilhoso, mas depois...

— É, quando chega a rotina. Elas percebem que a vida dos ciganos não é como elas pensavam, e então...

Klaus bateu com força desnecessária sobre o prego, entortando-o e gritou:

— Chega!

Largou as ferramentas e deu as costas aos homens, que se entreolharam, ressabiados.

— Ele está mal – disse um moreno, de barba cerrada.

Os outros menearam a cabeça, em concordância.

Klaus deixou seu serviço de lado e lançou uma olhada para a barraca da Avó.

A anciã estava à entrada, envergando um vestido longo, até os tornozelos, de fundo bordô com estamparia de rosas vermelho-escuras. Trazia os cabelos, habitualmente presos em coques e tranças, soltos, ao sabor do vento. À sua frente, Iris parecia pronta para sair: Usava um vestido cinza-chumbo de saia reta e corte elegante, blazer azul-marinho e sapatos de salto médio. As pernas bem-feitas traziam meias de nylon escuras e as únicas joias que ela trazia – ao contrário das mulheres ciganas, que se cobriam dos pés à cabeça com joias e bijuterias – eram uma fina corrente de ouro com um crucifixo, cravejado de minúsculas safiras e um delicado anel, também de ouro, que fora presente de Klaus no dia em que noivaram.

O contraste entre ela e as demais mulheres do acampamento era gritante e Klaus se perguntava, às vezes, por que estavam juntos. Tudo neles era diferente, desde a aparência, o estilo de vida e a religião, até os pontos de vista. E a maneira como encaravam o futuro.

Ele engoliu um seco e pensou se, no final das contas, não cometera um terrível erro em casar-se com uma não-cigana. Todos ali diziam que sim. Bastava olhar para Iris para se perceber que ali não era o seu lugar.

Quando ele pensou em dar-lhe as costas, ela acenou-lhe e correu até ele.

— Bom dia, Klaus. Eu estive conversando com a Avó e...

— Eu sei.

— Ela ficou muito triste pelo que ocorreu ontem, conosco.

— É mesmo? – O rosto dele era impassível. – Não diga.

— Klaus, por favor. Eu só queria lhe pedir mais um dia ou dois, no máximo. E juro que tudo ficará esclarecido.

— Tudo? Tudo mesmo? Você não precisa de dois dias para se preparar. Para me contar a verdade, Íris.  
*Eu já sei.*

— Sabe? O que você pode saber, além de vagas especulações e hipóteses pessimistas e doidas? Klaus, tudo o que estou fazendo... é por nós. Juro que não estou fazendo nada de errado, juro! Você não pode saber, nem faz idéia...

— Sei. Sei que você, enfim, percebeu que não pode mais permanecer casada com um cigano. Que essa vida itinerante não é pra você e que prefere voltar a viver numa casa, grande e bonita. E que prefere um não-cigano como marido. Tudo bem.

— Bem que eu pensei! Especulações doidas! Você não sabe nada!

Ele lutou contra uma onda de tristeza que lhe subiu pelo peito.

— Não! – Ela gritou de novo, cobrindo o rosto com as mãos. – Não sabe nada, não faz a menor idéia!

— Tudo bem – Klaus ergueu as mãos espalmadas e deu um passo atrás. – Tudo bem, Iris.

— Klaus... Por favor, eu quero continuar a seu lado, não quero ir embora!

— Não é o que está parecendo.

E então, ele teve uma ideia súbita:

— Iris, está certo. Se você precisa de mais um dia, eu concordo. Eu posso esperar. Mas é só isso, certo? Mais um dia, e depois quero saber tudo! Se é que já não sei. – ele acrescentou, franzindo o cenho.

Ela deu um pálido sorriso esticando a mão para tocá-lo, mas ele retraiu-se ao toque e deu-lhe as costas.

— Eu tenho que voltar ao trabalho, Iris.

Ela ficou parada ali, o vento frio da manhã de abril soprando-lhe os cabelos negros e longos como uma cortina de seda, e ferindo-lhe as faces, que começavam a ficar vermelhas. Então, voltou-se para sua barraca e foi procurar a bebê, para dar-lhe a papinha e despedir-se dela, antes de sair.

\*\*\*

Klaus dedicou-se com afinco ao seu trabalho, até ver Iris sair de novo da barraca e dirigir-se para o seu carro.

Então, ele largou as ferramentas, cochichou alguma coisa com Levi, seu cunhado e, assim que Iris arrancou, ele fez o mesmo. Emprestara o velho Gol branco de Levi para seguir a mulher.

Ela percorreu vários bairros, fazendo o caminho que levava ao centro da cidade. Parou em uma das imobiliárias que Klaus já conhecera, anteriormente, em uma das saídas que havia feito com Iris “à procura de bons imóveis”.

Ele não estranhou, quando meia hora depois, ela saiu do prédio, acompanhada por uma mulherzinha de uns cinqüenta e poucos anos, vestida de terninho claro – no mesmo estilo das roupas que Iris usava. Provavelmente, a corretora. Klaus. Ia começar uma nova maratona pela cidade, atrás de imóveis.

Ele meneou a cabeça. Pelo visto, ela não havia mudado de ideia.

Após visitarem três ou quatro casas, junto com a corretora, Iris despediu-se desta e seguiu sozinha para a região metropolitana. Através de ruas ora movimentadas, ora calmas, ela foi dirigindo e afastando-se cada vez mais das grandes artérias dos bairros principais e se embrenhou em uma região afastada.

Através de ruas sombreadas por árvores, grandes muros ou terrenos baldios, ela seguiu para um bairro que Klaus não conhecia.

Ele olhou para o relógio: passava do meio-dia, e seu estômago começava a protestar de fome, mas ele respirou fundo e pensou que, afinal, o sacrifício valeria a pena. Estava próximo de desvendar o segredo de Iris.

Ela finalmente parou diante de uma casa grande, de madeira rodeada por árvores.

Klaus, que havia colocado um boné vermelho (coisa que nunca seria usada na vida) e óculos escuros para não ser reconhecido, estacionou uma quadra antes. Viu quando a mulher abriu a porta do carro e, um pouco hesitante, ficou olhando para a casa. Depois, como que decidida, ela meteu a mão no bolso do seu

paletó e tirou um molho de chaves.  
Abriu o portão e entrou na propriedade.

\*\*\*

Iris abriu facilmente a grande porta e entrou na casa. O característico cheiro de mofo lhe invadiu as narinas.

Ela olhou em torno e viu, tapando as janelas, largos retângulos de lona escura. Caminhou até lá e puxou-os com força, deixando entrar a pálida claridade outonal. Os móveis eram sombras sólidas, que mal se notavam, nos cantos do aposento e havia um silêncio frio e assustador envolvendo tudo.

Ela ficou um pouco indecisa, mas afinal resolveu agir. Sua decisão estava tomada, ela tinha de ir em frente, mesmo que suas entranhas se contorcessem de medo.

— Você é a pessoa certa para isso – alegara-lhe Avo Bianca, com toda firmeza. E ela, no fundo do coração, sabia que isso era verdade. Havia uma força dentro dela, provinda dos recônditos de sua alma e que era o seu alento, a base de sua conduta e a luz em meio à escuridão e à tormenta exterior.

Ela olhou para a grande escadaria e meditou: *Não. Não podia ser.* Iria antes tentar lá embaixo, o local mais apropriado. O inferior. O baixo. O escuro e úmido. O mais apropriado.

Perdeu alguns minutos percorrendo o piso inferior de um lado a outro, até encontrar, no fundo da cozinha – repleta de poeira e teias de aranha – uma portinhola de cerca de 1,50m de altura e tentou abri-la.

Segurou com força a maçaneta, mas nada. Trancada, como ela supunha. Então, ela puxou a bolsa grande que trazia à tiracolo e abrindo-a, sacou de vários kits de ferramentas. Escolheu alguns pares de chaves de fenda e voltou-se para a portinha.

Concentrou sua atenção nas dobradiças. Demorou um bocado de tempo até que ela conseguisse fazer a maldita portinhola mexer-se, ao retirar a primeira dobradiça. Um novo arrepio percorreu-lhe o corpo, um suor frio e incômodo grudou-se sob a nascente dos cabelos, na testa e ela suspirou.

A portinhola estava aberta, as dobradiças tinham sido retiradas e de repente ela conseguiu sentir o odor que subiu de lá de baixo. Horrível. Uma mistura de mofo, aquele tipo que se cria em locais envelhecidos, há décadas abandonados pelo sol, e carne podre. Ou restos embolorados de carne, sujeira e água podre.

Ela sabia que precisava descer lá, mesmo sentindo o estômago dar um salto de nojo e as pernas se transformarem em uma massa de gelatina inútil.

\*\*\*

Klaus saiu do Gol e caminhou alguns passos pela quadra e meia que o separavam da casa, estranhando o silêncio profundo naquela hora do dia.

“Lugarzinho perfeito para um encontro”, ele pensou, olhando em torno, curioso e ressabiado. Mas aquele silêncio era pesado e um tanto de mau agouro parecia inundar o bairro de classe média. As casas estavam, em sua maioria, escondidas por trás de sólidos muros encimados por grades de pontas de lança ou arvoredos que lançavam sombras compactas e úmidas. Não era um dos bairros mais agradáveis que Klaus visitara, sob aquelas sombras frias e aquele silêncio de cemitério.

Ele caminhou até o portão e segurou-o, empurrando-o. Uma voz às suas costas o fez voltar-se, com susto.  
— O senhor conhece o proprietário?

A pergunta vinha de uma mulher de meia idade, baixinha, morena e com os cabelos grisalhos presos em um coque, na nuca. Usava óculos retangulares e estreitos e uma espécie de jaleco branco sobre a blusa de lá fina.

Klaus engoliu em seco, tomando o olhar brilhante da mulher por um olhar de fúria. Imaginou se não seria ela a proprietária, se ele não iria levar uma bela bronca por invadir propriedade alheia. Mas, se fosse assim, ele ainda tinha um trunfo.

— Bom, não. Não conheço. Mas minha esposa está aqui e eu vim para encontrá-la. — Ele disse, sorrindo de leve.

— Sua esposa? — A mulher lançou um olhar curioso para a casa. Um brilho de compreensão passou de novo pelos olhos inquisitivos. — Ah, claro! A corretora, não é?

— Isso mesmo — Klaus redargüiu.

— Entendo. É verdade, eu vi sua esposa aqui algumas vezes. Até cheguei a conversar com ela, em uma ou outra ocasião. Pena que não pudemos conversar melhor. Na verdade, eu queria saber mais sobre o proprietário.

— Ah, ele resmungou. “Aposto como lá vem fofoca sobre os encontros entre Iris e o tal, que mora na casa”. — Isso significa que a senhora não conhece o dono?

— Não exatamente — ela disse, meneando a cabeça e lançando novos olhares curiosos para o impávido e soturno sobrado. — Uma vez eu o vi de longe, quando eu saía do meu trabalho, na casa de Dona Cida.

“Pronto. Acabou-se”, pensou Klaus. “Uma vizinha fofoqueira e que fala pelos cotovelos era tudo o que eu não precisava”.

Klaus repuxou os lábios e a mulher prosseguiu:

— Eu trabalho como cuidadora de idosos, sabe. Então, como eu lhe dizia, só vi o rapaz que comprou a casa aqui uma vez, à noite. Ele me pareceu muito esquisitão e arrogante, sabe. Mas eu não ligo, isso, cumprimentei mesmo assim. Que coisa. O senhor acredita que ele não respondeu, apenas me deu uma olhada, dos pés à cabeça...? Como se estivesse me “estudando”?

Ela deu um sorrisozinho atravessado.

— Eu não sei como pode existir gente desse tipo, sabe. Tão fria, com cara de quem anda c’o rei na barriga. E que olhar, meu Pai! O homem é estranho, posso lhe garantir. E depois de tudo o que tem acontecido aqui no bairro, ultimamente... Bom, sabe-se Deus, né? Eu fiquei meio cabreira, sabe?

Klaus descruzou os braços e ficou mais atento.

— Hum, sei. Mas o que tem acontecido aqui, ultimamente? — Ele perguntou, com uma súbita pontada de preocupação.

— Bem, todo mundo anda dizendo que é só coincidência. Mas eu prefiro andar com os olhos bem abertos e usar sempre minha medalhinha de N. Sra. De Fátima — tornou ela, enroscando os dedos numa correntinha que trazia ao pescoço. — Ah, sabe, de dois meses pra cá já ocorreram cinco mortes aqui no bairro!

Klaus enrugou a testa. “O Maligno. O Ser Maligno. Um Ser Demoníaco”, a voz de Vó Bianca ressoou em sua mente, com incrível nitidez. Ele sentiu um vento mais gelado soprar, de repente. Ao longe, quebrando o silêncio do lugar, ouviu o crocitar de um corvo.

— Cinco mortes? Como? Por quê?

— Duas vizinhas, mãe e filha, morreram no mês de setembro. Disseram que ambas tinham problemas de pressão arterial elevada e o coração não agüentou. No começo de outubro foi o Seu Elias, vizinho de Dona Cida. Um homem novo, de trinta e cinco anos, veja só! Foi encontrado morto dentro de casa.

— Assassinato? — Klaus tinha o cenho carregado.

— É, foi o que disseram — a mulher prosseguiu. — O mais estranho é que o corpo não tinha marcas de violência. Nadinha! E segunda o laudo do legista a morte foi causada por algum tipo de “hemorragia”... E agora, por último, o casal da casa aqui ao lado.

Ela apontou para uma casa à esquerda do sobrado, oculta por trás do espesso bosque de cedros.

— Um casal? — Klaus estava começando a receber os sinais da sua *visão*, e o que ela lhe revelava não era nada bom.

— É sim. Um casal, e com o mesmo tipo de morte que vitimou seu Elias. Só o que os médicos disseram, é que encontraram sinais de ruptura da carótida, sabe.

— Minha senhora, acho que está certa — disse Klaus, interrompendo-a e ela olhou-o surpresa — Essas

mortes são mesmo estranhas, e acho que esse bairro está envolvido por algum tipo de...

—... seita satânica e rituais demoníacos – ela o interrompeu de novo, com um ar de sabichona, meneando a cabeça e sorrindo com certa malícia.

— Talvez. Mas acho que, com tudo isso, preciso mais do que nunca convencer minha esposa a deixar esse negócio. Com licença.

A mulher observou-o, surpreendida com a rapidez com que ele abriu o portão, subiu os degraus e abriu a porta, desaparecendo dentro do sobrado.

# FINAL

IRIS METEU-SE PELA portinhola, não sem antes iluminar lá dentro com a lanterna. Havia uma escada estreita de madeira, cujos degraus ela pisou com todo o cuidado. A escada devia ter cerca de dez degraus e à medida que descia, mais nauseante se tornava aquele odor de podridão.

Ela tapou a boca com a mão esquerda, enquanto empunhava a lanterna com a outra. A luz parca mostrou uma espécie de corredor largo, um chão de terra batida e que levava a um aposento mais ao fundo.

As teias de aranha eram abundantes e ela teve que lutar contra mais esse obstáculo, já que o odiava ambientes úmidos e sujos, além de abominar teias de aranha – sinal infalível de ambiente deteriorado.

Ela caminhou com determinação, apesar do medo e das náuseas que lhe maltratavam as entranhas e ameaçavam-na de expelir todo o seu almoço, de um minuto para o outro.

A escuridão parecia ficar cada vez mais profunda, úmida e pegajosa e o cheiro mais forte, enquanto ela avançava pelo corredor.

Chegou ao fim e se deparou com uma câmara larga e repleta de bugigangas. Movimentou a lanterna, que iluminou pilhas de caixotes de madeira e papelão roídos de traça, sacos de nylon, peças antigas de máquinas, armários velhos e carunchados e carcaças de computadores antigos. *Um verdadeiro lixo*, ela pensou, horrorizada.

Mas o horror maior estava no meio de toda aquela quinquilharia, no meio do grande salão: Uma caixa alta, estreita de mais ou menos um metro e noventa centímetros de comprimento. Não possuía nenhum tipo de ornamento. Sequer se parecia com um caixão mortuário. Era apenas aquilo que aparentava: Transporte da *coisa*. Ela sufocou um grito.

Sentiu o maldito fedor se tornar mais pungente ali e sabia agora de onde provinha. Espalhados em torno do caixão, amontoados uns sobre os outros como restos desprezados de alimento, estavam três cadáveres em adiantada decomposição. Na verdade, um deles já mostrava os ossos sob as poucas camadas de pele apodrecida e de dentro das órbitas vazias, surgiu um pequeno rato.

Iris tapou a boca novamente, nauseada. E voltou a segurar seu talismã cigano, fechando os olhos. Invocou Santa Sara Kali, padroeira cigana, pedindo-lhe a força necessária para o que ia ter de fazer.

Aproximou-se, agora se sentindo de novo mais segura.

Sabia que Santa Sara ia firmar-lhe a mão, dar-lhe novo fôlego e as forças do Bem prevaleceriam. O *seu povo*, o povo que a adotara, precisava. Seu marido e sua pequenina Nyiati também.

Abriu sua bolsa, retirando a estaca e o martelo e se aproximou do caixão.

Com as mãos um pouco trêmulas, colocou a lanterna de frente para ela, sobre uma estante de ferro, de modo que a luz incidisse sobre o funesto receptáculo, no meio da sala.

Então, deslizou cuidadosamente por entre os cadáveres, respirando com dificuldade o ar empestado e segurou a tampa. Fechou os olhos e abriu-os de novo, tentando manter-se focada em sua tarefa, nada mais.

A tampa moveu-se facilmente, com um rangido seco nas dobradiças.

Ali estava ele.

Ela sabia o que a esperava, mesmo assim, o rosto do homem a assustou. Pelas cores vivas do rosto e dos lábios ela notou que ele devia ter se “alimentado” há pouco tempo. Que irônico. Só ela sabia o que tal ar de vitalidade custara aos moradores da região.

— Maldito cão do inferno – ela resmungou.

Precisava ser rápida.

Quando empunhou a estaca e o martelo, notou, horrorizada, que Antonio Meilyr pareceu mexer-se no seu esconderijo de madeira e um estremecimento pareceu perpassar-lhe todo o corpo. Ela ficou quieta, em suspense, o coração dando saltos no peito.

A criatura mexeu as pálpebras lívidas e abriu-as.

“Não deve olhá-lo nos olhos. Não deve olhá-lo nos olhos”.

A voz de Avó Bianca ecoou em sua mente.

Ela procurou afastar os olhos daquele rosto lívido, mas a força magnética dos olhos dele, que rebrilhavam uma vermelhidão de sol poente, a prenderam. Sem querer, ela mordeu a isca.

— Maldito cão... – ela tentou praguejar, mas até sua voz falhou.

— Iris, você é tão linda. E não pode e não quer fazer isso, não é mesmo?

A boca dele moveu-se, embora ele continuasse preso dentro do caixão, imobilizado pela força da claridade diurna. Mesmo estando mergulhado em trevas ali dentro, o poder do sol lá fora era o suficiente para bloquear-lhe o poder.

Entretanto, Iris sentia-se fragilizada diante do olhar avermelhado.

Ela tentou firmar as mãos nos seus instrumentos, mas ele falou de novo:

— Você sabe que não pode e nem deve usar essas armas. Você é fraca, Iris. Não adianta pensar o contrário, eu *leio* em sua pobre mente confusa o quanto você é fraca e ingênua. Largue isso, Isis, se tentar tirar minha vida, só irá provocar ainda mais a minha ira!

A voz dele soou mais profunda e rascante, como o som de um trovão rompendo a paz de uma tarde primaveril.

Ela cedeu. Suas mãos afrouxaram-se e ela largou a estaca, que caiu-lhe aos pés com um ruído surdo.

Quando imaginou que tudo estava perdido – sua investigação e posterior descoberta, a luta para se aproximar dele, o esforço da vontade para criar coragem e enfrentá-lo – um ruído forte a fez voltar-se.

Alguém estava descendo a escada de madeira, com passadas rápidas e pesadas, e ela recuperou um pouco o autodomínio. Talvez fosse uma ajuda?

Ela engoliu em seco, temendo que fosse uma outra espécie de ajuda – um auxiliar humano do vampiro, talvez.

Ela respirou fundo e quando pensou em esconder-se, olhou, surpresa, o vulto alto e forte de Klaus assomar diante dela, uma lanterna numa mão e uma estaca na outra.

— Iris, não desista! Fique firme, meu amor!

— Klaus! Você não pode...!

Eles se abraçaram rapidamente, mas logo ele se afastou e colocou-lhe o martelo nas mãos.

— Eu apenas vou ajudar, querida. E dessa vez, olhe apenas para os instrumentos!

Ela assentiu e voltou-se de novo para o corpo do vampiro, que estremecia em espasmos desesperados, antecipando seu fim.

— Você é fraca – disse o monstro.

— Vai ver quem é fraco. AGORA!

Klaus posicionou a estaca sobre o peito do vampiro e olhou para a mulher.

— Com força!

Iris desceu o martelo com toda sua força, sem ouvir mais a voz de Antonio Meilyr.

A estaca enterrou-se aos poucos, com um ruído de tecidos rasgados e logo o sangue esguichou.

O urro do monstro foi brutal, mas abrandou-se rapidamente, tão logo a ponta aguda da madeira tocou no fundo do coração, dilacerando-o. Milhares de anos pesaram de repente sobre o corpo sem vida e este passou a enrugar-se e encolher-se dentro do caixão, não restando, ao cabo de um minuto, nada além da poeira dos ossos.

— Era um dos vampiros mais antigos da Terra – dizia Avó Bianca, meneando a cabeça branca. Klaus e Iris, de mãos dadas, ouviam a estranha história contada pela Avó, a respeito de um clã vampírico que perseguia os ciganos há séculos.

— Seria esse tal Meilyr o último deles? – Perguntou Klaus, apertando a mão de Iris.

— Isso não se sabe, meus filhos. Mas o que importa é que dessa ameaça estamos livres.

— Eu jamais imaginaria que minha Iris, com seu jeito de mulher tão moderna e prática, fosse uma *dhampir*, uma caçadora de vampiros abençoada e única com dom apropriado para destruí-los.

Klaus falou e Iris sorriu-lhe, recostando de novo a cabeça na curva do pescoço dele, absorvendo com prazer o cheiro e o calor daquele homem tão amado.

— Esse é apenas um dos nossos segredos, meu amor. Não é mesmo, Avó? – Disse Iris.

— Segredos femininos, heim? – Ele tornou, com um sorriso amplo.

Nesse instante, uma adolescente do acampamento entrou na tenda, com a pequena Niyati nos braços. A criança emitiu gritinhos alegres quando viu os pais, e Iris tomou-a ao colo, beijando-lhe as bochechas coradas.

— Sim, segredos – continuou a Avó, fazendo cafuné na cabecinha escura do bebê.

E prosseguiu:

— Há mais segredos na alma de uma mulher que nos abismos do mar.

\*\*\*

[\[1\]](#) Denominação dada pelos ciganos aos não-ciganos. N. da A.

[\[2\]](#) Niyati, do sânscrito: “destino”. N. da A.